

O REGRESSO DO DESEJADO

INQUISIÇÃO

RICARDO CORREIA

○ REGRESSO DO
DESEJADO

VOL. 2 - INQUISIÇÃO

A batalha de Alcácer-Quibir não foi o fim.
Foi o início.





www.egoeditora.com
geral@egoeditora.com

Ficha Técnica:

Título - O Regresso do Desejado - Vol. 2 - Inquisição

Autor - Ricardo Costa Correia

Capa e composição gráfica - EGO

Imagens da Capa e Contracapa - pormenores da pintura “Felipe II de España”,
produzida em 1573 pelo pintor Sofonisba Anguissola.
Óleo sobre tela. 88 x 72cm.

Revisão de Texto - EGO

Paginação - EGO

1ª Edição - Setembro 2019, Lisboa

ISBN - 978-1088712221

Depósito Legal - 455578/19

Impressão e Acabamento - Ulzama Digital

©2019, Ricardo Correia e EGO Editora

*Ao que nunca esquecem
o seu rumo.*

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida,
nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo
sem prévia autorização por escrito da Ego Editora.

AGRADECIMENTOS

Um livro não se faz sozinho, por isso há pessoas a quem tenho de agradecer.

Ao Tiago e à Cláudia, da Ego Editora, por me aturarem sempre que preciso de ajuda.

Depois, aos que têm estado comigo no apoio à divulgação, quer nas redes sociais, quer nos eventos que vão acontecendo:

Ao André Galvão, que quase acidentalmente vestiu a pele de um dom Sebastião marcado pelas batalhas, amargurado com o mal que lhe fizeram, e regressado num dia de muito sol e pouco nevoeiro;

Ao André Costa, porque sem ele não existiriam marcadores tão bonitos para os meus livros, nem cartazes para eventos, nem *flyers*, nem muitas outras coisas.

Ao Marco, por continuar a arriscar acompanhar-me nas apresentações.

Ao Daniel, ao Ricardo, ao Rodrigo, ao Nuno, ao Rui, por continuarem a ajudar-me, a inspirar-me com os comentários e a segurarem-me sempre que preciso.

À minha família, em especial ao meu pai, que me tem acompanha-

do ao longo dos últimos meses em grandes aventuras um pouco por todo o país.

Aos bloggers Inês, do blog Livros e Papel (@livrosepapell), Ricardo Trindade, do blog “O Informador” (@oinformador), Maria João Diogo, da Biblioteca da João (abibliotecadajoao.blogspot.pt) e à Andreia, do blog Nunca Li (@nuncaliblog), sem os quais não seria possível fazer uma maior divulgação para conseguir chegar a um alargado número de leitores.

À Carla Augusto, Marcos Silva, Vitor Pina, Isabel Torres, Rô Gene, Inês Maria, Ana Baleiras, José Baleiras, José Augusto Alves, Miguel Ângelo Assis, Zelza Delpino, Maria João Diogo, Isabel Fernandes e Alcindo Almeida por participarem nas iniciativas lançadas através das redes sociais.

Obrigado a todos.

PERSONAGENS

A CORTE AUSTRIACA

- **Don Fernando de Aragão**, Imperador do Sacro-Império Romano-Germânico, irmão de Carlos V e de dona Catarina de Áustria.
- **Maximiliano**, Filho varão de don Fernando de Aragão e herdeiro do trono imperial.
- **Dona Maria**, Filha de don Fernando de Aragão, regente do trono de Aragão.
- **Don Juan de Áustria**, sobrinho de don Fernando de Aragão, filho bastardo de Carlos V e comandante geral do exército imperial.

A CORTE ESPANHOLA

- **Don Felipe de Áustria**, filho varão de Carlos V, rei das Espanhas e senhor da Flandres e de Nápoles.
- **Dona Joana de Áustria**, filha mais nova de Carlos V, princesa e governadora geral das Espanhas, mãe de Dom Sebastião.
- **Don Cristovão de Moura**, senhor de Castelo Rodrigo e das terras

de Santa Maria de Aguiar, fidalgo das Espanhas e secretário pessoal de dona Joana de Áustria.

- **Don Fernando Alvarez**, duque de Alba, comandante geral do exército das Espanhas, comandante das Elites Espanholas.
- **Don Alonso Perez de Guzman**, duque de Medina-Sidónia, senhor dos reinos peninsulares do Sul.
- **Don Rodrigo**, duque de Gândia, comandante da Guarda Real, comandante militar de Toledo.
- **Alvaro Eanez**, Governador de Toledo.
- **Guillermo Eanez**, Embaixador das Espanhas em Portugal, governador temporário da cidade de Lisboa, secretário pessoal de don Felipe de Áustria.

A CORTE PORTUGUESA

- **Dom Sebastião**, Rei de Portugal e Algarves.
- **Dona Catarina de Áustria**, viúva do anterior rei dom João III, avó de dom Sebastião e tia de don Felipe das Espanhas.
- **Dom António**, Prior da Ordem do Crato e Avis, confessor de dona Catarina de Áustria e filho bastardo de dom Luís, duque de Beja.
- **Dom Henrique**, Cardeal, regente do reino de Portugal, tio de dom Sebastião.
- **Dom Cristóvão de Távora**, antigo governador da cidade de Lisboa, protetor da casa real, membro do Concílio das Sombras.
- **Dona Leonor de Távora**, capitã da guarda real, casada com dom Diogo de Távora, governador de Lisboa, filha de Gonçalo Anes.
- **Dom Diogo de Távora**, Governador de Lisboa, filho de dom Cristóvão de Távora.

- **Dom Pedro**, anterior duque de Palmela, membro do Concílio das Sombras.
- **Dom Martim**, duque de Palmela, Condestável de Portugal, governador da cidade do Porto.
- **Dom Luís**, anterior duque de Beja, tio do rei dom Sebastião e irmão do Cardeal dom Henrique, membro do Concílio das Sombras.
- **Dom Bernardo**, duque de Beja, filho varão de dom Luís, mestre da moeda.
- **Dom Carlos**, duque de Loulé, comandante de infantaria do exército português.
- **Dom João**, duque de Bragança, protetor da ordem de Cristo e senhor dos domínios de Cister.
- **Dona Catarina**, dama de companhia da Corte, esposa de dom João, duquesa de Bragança.
- **Dom Teodósio**, filho de dom João, segundo duque de Bragança, conselheiro e porta-estandarte de dom Sebastião.
- **Mestre Gonçalo Anes**, mestre da ordem de Santiago, membro confessor do Concílio das Sombras, conselheiro e protetor de dom Sebastião.
- **Mestre Gualdino Aires**, mestre da ordem de Cristo, comandante militar de cavalaria, senhor de Tomar.
- **Thomas Stukeley**, pirata e espião inglês, embaixador de Inglaterra em Portugal, capitão da armada portuguesa do alto mar.

OS ÁRABES

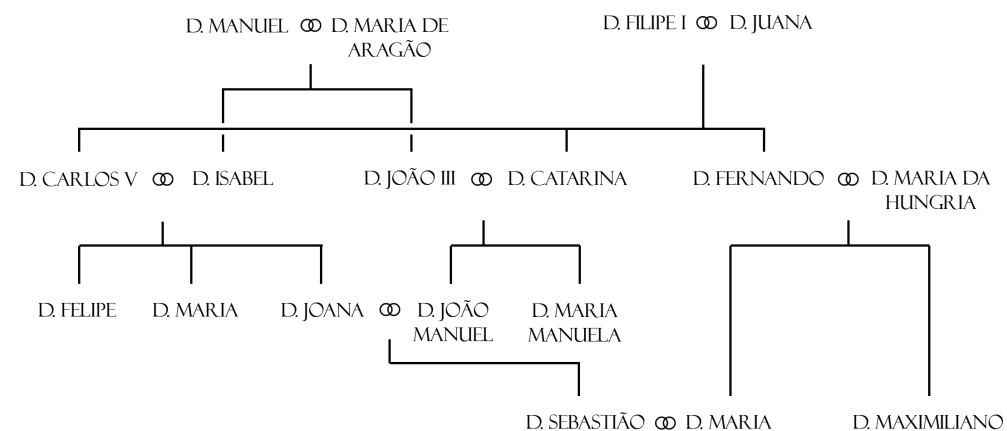
- **Hassan Al-Mansur Saadi**, Sultão do reino de Marrocos, senhor das terras do Além-Garve, governador de Granada.

- **Ibn Al-Zahir**, antigo vizir de Granada e Sevilha, embaixador do sultão de Marrocos no reino de Portugal.
- **Hussein Tarik**, capitão do exército marroquino, militar da guarda pessoal do sultão de Marrocos.

OS RELIGIOSOS

- **Padre Gallardo**, discípulo do Cardeal dom Henrique e seu sucessor, grande inquisidor do reino de Portugal, conselheiro de dom Sebastião.
- **Simão Sá Pereira**, bispo do Porto, regente do colégio de inquisidores de Portugal.
- **Fernando Niño de Guevara**, bispo de Sevilha, governador do Porto.
- **Monsenhor Santori**, cardeal, núncio apostólico romano para o reino de Portugal.
- **Frei Manuel de Lisboa**, mestre inquisidor do reino de Portugal, conselheiro de dona Catarina de Áustria.
- **Padre Diogo Brandão**, franciscano, confessor de dona Joana de Áustria em Portugal.
- **Padre Fernão Brandão**, franciscano, irmão do padre Diogo Brandão, pároco do mosteiro de São Francisco do Porto.

DINASTIA DE AVIS - HABSBURGO



VIENA

Maior finalmente chegou, após um longo e gélido inverno, e um início de primavera não menos húmido e frio. Com os primeiros raios de sol, os jardineiros ao serviço do imperador austro-húngaro, destaparam os canteiros e replantaram as rosas que nos meses seguintes iriam encher o complexo palaciano do Hofburgo com centenas de cores. O movimento nos jardins era intenso, como don Felipe testemunhava ao olhar pela janela do quarto do último andar do palácio imperial de Viena, pertencente ao seu tio, don Fernando de Áustria. Viera com o firme propósito de conquistar aliados e fazer chegar mensagens a todos os cantos do sacro-império para unir as legiões de Cristo. Passara os últimos meses melancólico e apagado, depois do seu afastamento do trono das Espanhas e agora, o que pretendia, era convencer o imperador e o papa a esquecerem as suas diferenças para juntos se lançarem numa cruzada à reconquista da Península Ibérica.

Para don Fernando, o propósito do sobrinho precisava ser adiado, dada a assinatura do acordo de paz com os príncipes alemães, que garantia o sossego do império dentro das suas próprias fronteiras. Para o imperador, havia ainda uma razão pessoal para não aceitar os pedidos insistentes de don Felipe: a sua filha, a infanta dona Maria, regente do reino de Aragão, mostrava-se pouco favorável a um entendimento com o que restava do poder do primo nas Espanhas, mantendo uma

posição neutra face ao crescente poder dos portugueses na Península Ibérica.

A história europeia que se tinha escusado a aprender enquanto jovem, parecia agora trocar de don Felipe. Fizera de tudo para aumentar o seu império à maneira dos Áustria: casara com a filha dos reis de Portugal, dona Maria Manuela, enviuvando logo aquando do nascimento do seu herdeiro, don Carlos e depois casara com Maria Tudor de Inglaterra, sua outra prima, cuja união acabaria por provocar a sua derrota, anos depois no canal inglês.

Se Inglaterra constituía para don Felipe uma má memória, Portugal simbolizava um objetivo falhado, tanto pelo casamento, como pela ineficácia dos mercenários árabes em capturar dom Sebastião, rei de Portugal, seu sobrinho, que de forma tão inteligente lhe roubara o trono, depois de escapar à armadilha de Alcácer-Quibir.

Enquanto o sol subia, inundando de luz o palácio imperial de Viena, don Felipe caiu desamparado na cadeira atrás de si, com uma dor bastante forte nos joelhos, deixando antever a proximidade de mais um ataque de gota. A missa ia, contudo, começar na capela real dentro de cinco minutos, pelo que, quando procurava reunir as forças necessárias para se levantar, alguém bateu levemente na porta do seu quarto.

Na capela imperial do Hofburgo, o padre preparava-se para o serviço do dia. Don Felipe sentou-se na última fila de cadeiras, onde já o aguardava Guillermo Eanez, mas para evitar o embaraço da conversa com o seu antigo embaixador e agora seu secretário pessoal, agarrou rapidamente no terço e murmurou uma oração. O imperador don Fernando e o seu filho Maximiliano sentavam-se nos lugares próximos do padre e, mais atrás, don Juan de Áustria, o irmão bastardo de don Felipe, alguns anos mais novo, trocava palavras com um homem sentado ao seu lado, paramentado como um bispo.

No final da missa, don Juan dirigiu-se a don Felipe antes que este se retirasse para os seus aposentos, como cada vez se tornava mais habitual.

– Irmão, quero apresentar-vos o bispo don Martin de Utreque, que viajou comigo desde a capital flamenga para vos visitar.

– Senhor bispo, sinto-me honrado por vos conhecer. – Don Felipe lisonjeava o homem, entendendo que devia ter uma posição elevada na hierarquia religiosa.

– Muito obrigado, don Felipe, é para mim também um prazer conhecer-vos, um tão elevado exemplo da cristandade de um povo. O vosso sacrifício na Península Ibérica é apenas comparável ao de Cristo na cruz.

– Irmão – interrompeu Don Juan –, o bispo don Martin foi meu capelão durante as batalhas em vosso nome nos Países Baixos. É um devoto da sua pessoa. Muito combateu pela justiça da nossa fé contra aqueles que renegaram os verdadeiros ensinamentos da cruz. Pela sua mão, muitos foram os hereges condenados à fogueira.

– Muito me honra a vossa devoção e serviço à nossa causa, senhor bispo. Vai acompanhar-nos em Viena por quanto tempo?

– Apenas por um par de dias, don Felipe. Tal como já falei com don Juan, parto para Roma ao encontro do nosso santo padre e de monsenhor Niño de Guevara.

– Como gostaria de vos acompanhar nessa viagem, senhor bispo, mas a minha saúde não o permite. – Don Felipe tentou de alguma forma minimizar a dor que o incomodava. – Posso fazer de vós o meu mensageiro junto do santo padre e do bispo Guevara?

– Por quem sois, don Felipe! – O bispo parecia mais satisfeito que nunca por estar ao serviço do antigo rei das Espanhas. – Falarei com eles sobre a difícil situação em que fostes obrigado a deixar o trono e a afronta que o vosso sobrinho dom Sebastião preparou contra vós ao aliar-se aos infiéis marroquinos. Diz-se agora... – o bispo olhou em redor e baixou mais a voz –, que se prepara para chamar ao reino de Portugal embaixadores muçulmanos. São às dúzias os marinheiros que falam sobre isso quando aportam às cidades francas. Uma vergonha para a nossa cristandade.

– Depois de se aliar com os infiéis para me derrubar, tenta agora captar o interesse deles para os negócios da coroa? Isso é um completo ultraje. – Don Felipe respondia no mesmo tom de voz.

Os dois homens endireitaram-se à aproximação do imperador que se juntava à conversa.

– Vejo que já travaste conhecimento com o senhor bispo Martin de Utreque. – O imperador, um homem altivo, com as costas ligeiramente curvadas pelo peso dos anos, mantinha a postura de quem comanda metade do mundo conhecido. Homem de poucas palavras, a sua frieza vienense tomava conta do que restava da sua naturalidade de Valladolid.

– Já sim, meu tio. Também pedi que fosse portador de uma mensagem junto do nosso santo padre, levando até ele as minhas preocupações.

– Podemos falar a sós por um momento, don Felipe? – O imperador chamava a atenção ao sobrinho, não o querendo repreender em público. Don Juan de Áustria e o bispo Martin compreenderam e deram um passo para o lado, afastando-se o suficiente para não perturbar a conversa. Don Fernando aparentava não estar satisfeito e fazia saber isso mesmo, repreendendo don Felipe como se fosse uma criança mal-comportada.

– Don Felipe, quero que saibas que desde que o teu pai me entregou o trono onde me sento, nunca permiti que estes corredores se tornassem palco para conspiração de traições. Nestas mesmas salas, repreendi e fui repreendido pelo vosso pai, Deus o tenha e, não raras vezes, eu e o meu irmão Carlos discordámos sobre muitos assuntos de estado. Aqui mesmo, onde nos encontramos, tomámos a decisão de nos afastarmos porque a sua ideia de império contrariava as minhas ideias de liberdade. Decidi não mais o visitar, apesar das suas insistências. Sempre fui leal à sua posição e ao princípio de que a nossa família está sempre em primeiro lugar. Foi sob esse acordo que a minha filha Maria se tornou regente do conselho de Governadores de Aragão e permaneceu na capital aragonesa de Saragoça durante o vosso reinado, sempre fiel aos reinos das Espanhas.

– Meu tio, o que compreendeis vós sobre a política da Península Ibérica? – Don Felipe não gostava de ser chamado à atenção. – Poderíeis ter sido rei nas Espanhas e, pela mão do meu pai, foi-vos concedido um exílio dourado aqui na velha capital. – Don Felipe desdenhava das palavras do tio. Ardiam-lhe memórias de outros tempos, de quan-

do se tinham encontrado para decidir a separação do império e o lugar de Rei de Romanos que lhe deveria pertencer.

– Apesar de todos os esforços então feitos, as conjuras em meu nome e tudo o que mais teve lugar, aqui e nas Espanhas, mantive-me leal ao vosso pai e às suas vontades. Ele era meu irmão, mas também o meu soberano.

– Sacrificastes, por isso, vários dos grandes de Espanha que vos apoiavam. – Don Felipe sentia-se irado e já não o ocultava, mesmo depois de se ter apercebido dos olhares de alguns membros da corte. – Poderia dizer-vos os nomes de vários homens e mulheres que perderam as suas vidas para que vos fosse concedido este mesmo trono pelo meu pai.

– O vosso pai era um estrangeiro nas Espanhas, da mesma maneira que eu fui um estrangeiro na corte de Viena, quando aqui cheguei. – Don Fernando tentava falar de forma conciliadora e calma, apesar da raiva começar a tomar conta de si. – Ainda hoje há quem considere que, para os territórios peninsulares, eu ou qualquer um dos meus descendentes daríamos melhores monarcas do que vós ou o vosso pai.

– O que tenho procurado durante meses, e sem o conseguir, é o vosso apoio na reconquista desses territórios.

– Estais a pedir-me, Felipe, que abandone os meus deveres e a paz conquistada tão arduamente como imperador do Sacro-Império para que reassuma o meu papel como rei de Aragão? Os Habsburgo sofreram demasiado com lutas internas durante anos e as campanhas do teu pai não foram alheias a essas lutas entre nós. Carlos unificou a Europa, é certo, mas só o conseguiu fazer derramando demasiado sangue Habsburgo. Esse foi um erro que eu não repetirei.

– Obrigado por me demonstrardes a vossa posição, meu tio. – E ao dizê-lo, fez uma vénia e afastou-se na direção de don Juan.

Visivelmente derrotado por não conseguir que os seus argumentos tivessem algum efeito em don Felipe, o imperador questionava-se em como poderia o seu sobrinho ser tão parecido com o pai. Ambos viam o poder que o império concedia, sem se preocuparem com o que isso

pudesse significar para a família. Sacrificavam os alicerces familiares apenas pelo desejo da conquista e da união.

Don Juan olhou para don Felipe, percebendo que a conversa, mais uma vez, não tinha corrido favoravelmente.

– Como já percebeste, não podes esperar muito apoio aqui no Hofburgo, Felipe. Há problemas muito mais sérios que Portugal ou Espanha e que requerem o nosso auxílio e união para poderem ser resolvidos. Além das incessantes rebeliões locais com os príncipes alemães, agora finalmente pacificados, soubemos dos exercícios feitos por um grande exército turco reunido em Constantinopla, que pode tentar chegar a Viena, e fazer novamente um cerco à capital imperial. Talvez tenhamos de começar por defender a nossa ancestral casa antes de qualquer outro desígnio. – Don Juan de Áustria era alguns anos mais novo que don Felipe mas as parecenças entre os dois terminavam na sua fisionomia. A prudência de don Felipe contrastava com a temeridade de don Juan. E as derrotas que don Felipe acumulava eram contrárias às batalhas que o seu meio-irmão ganhava, em nome do imperador.

– Eu sei disso e compreendo a situação que aqui temos, Juan, mas se visses com atenção, saberias que todos aqui estamos com diferentes propósitos. Se fosses tão bom na arte da política como és na guerra, temeria que já tivesses conquistado para ti o trono das Espanhas. O apoio que quero, é que a minha voz faça eco nos corredores imperiais e possa chegar facilmente a todos os cantos do vasto império cristão. Dom Sebastião tem na península problemas muito graves para resolver.

– Também compreendo a vossa posição, Felipe, mas se dom Sebastião conseguir resolver esses problemas antes de ti, terás perdido todo o controlo da vossa arena política.

Don Felipe sorriu a don Juan, um sorriso falso, contido e muito pouco sentido.

– Ainda que dom Sebastião o consiga, terá um problema interno com o qual não conta e para o qual está completamente cego. Mande don Fernando Alvarez para a Península Ibérica para que tente reunir aqueles que nos são ainda leais.

– Se tens o duque de Alba para os unificar, quase não precisas do apoio do imperador.

– É por isso que Eanez vai acompanhar o senhor bispo Martin de Utreque até Roma. Quando for nomeado o embaixador do santo padre que irá a Portugal para restabelecer o controlo da Inquisição sobre a coroa, o meu secretário pessoal, Guillermo Eanez será o braço direito desse representante. Dom Sebastião não terá como se defender perante o poder do sangue de Cristo, na sua graça divina. Assim começará a sua queda.